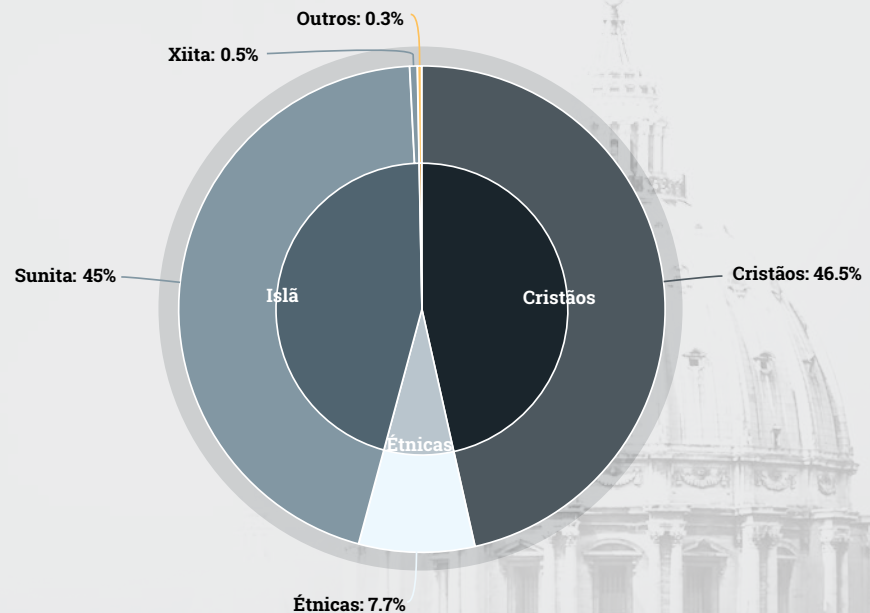
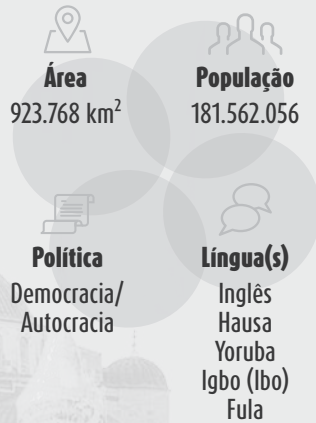


Nigéria



A Nigéria, o país mais populoso de África, com mais de 180 milhões de pessoas, permanece em estado de agitação. O grupo terrorista islâmico Boko Haram (que, traduzido, significa basicamente “a educação ocidental é pecado”) intensificou uma vez mais o número e a intensidade dos seus ataques contra a população civil durante o período deste relatório. Entretanto, os países vizinhos da Nigéria a nordeste – Níger, Chade e Camarões – estão cada vez mais sob ameaça. Até à data, o presidente Muhammadu Buhari tomou medidas para cumprir a sua principal promessa de campanha: combater energeticamente o terrorismo.^[1] De acordo com o analista político Remi Adekoya: “Os militares da Nigéria têm empurrado progressivamente os jihadistas para fora dos territórios que estes em tempos controlavam, forçando-os a defender constantemente essa região. Contudo, não conseguiram de maneira nenhuma ‘esmagar’ o Boko Haram, que ainda mantém a capacidade para lançar ataques contra alvos fáceis.”^[2] O Boko Haram continua fazendo ataques em aldeias e instalações para refugiados em ambos os lados da fronteira nigeriana, roubando, violentando, abusando de crianças e assassinando. A existência de uma milícia grande, sem fronteiras e teocrática na África Ocidental continua o maior obstáculo ao desenvolvimento na região e ameaça a coexistência pacífica das religiões que tradicionalmente mantiveram boas relações entre si.

DISPOSIÇÕES LEGAIS EM RELAÇÃO À LIBERDADE RELIGIOSA E APLICAÇÃO EFETIVA

A Nigéria é uma república federal baseada no modelo dos Estados Unidos da América. O seu lema oficial é “Unidade e Fé, Paz e Progresso”. O Estado é liderado pelo presidente, à semelhança do que acontece nos EUA ou na França. Desde maio de 2015, o presidente é o antigo general do exército Mohammad Buhari. Muçulmano, Buhari já tinha sido chefe de Estado uma vez anteriormente, de 1983 até 1985, como chefe da junta militar que tomou o poder num golpe de Estado. O vice-presidente é Yemi Osinbajo, um cristão (membro da Igreja Pentecostal de Deus da Redenção Cristã).^[3] Estas filiações religiosas refletem o largo espectro religioso do país, que faz uma rotação natural em cada eleição presidencial.

Tal como acontece em muitos países africanos, na Nigéria há um enorme vácuo entre o que está na Constituição e o que acontece na prática no país. As principais razões para isto são que:

- o poder efetivo reside muitas vezes nas mãos dos reis menores (os Obas) que têm a última palavra no terreno;
- os principados tribais, cimentados durante o domínio colonial britânico (1860-1960), na realidade raramente aceitam as leis impostas pelo Governo central;

[1] <http://www.bbc.com/news/world-africa-36384237>

[2] <http://www.theguardian.com/commentisfree/2016/mar/28/muhammadu-buhari-nigeria-problems-boko-haram-corruption>

[3] <http://www.vanguardngr.com/2014/12/meet-buharis-running-mate-prof-yemi-osinbajo/>

- as rivalidades religiosas e entre partidos políticos, frequentemente expressas através de ‘acerto de questões antigas entre clãs’, tornam consideravelmente mais difícil implementar medidas políticas viáveis;
- e os elevados níveis de corrupção em todas as classes políticas, e também em algumas comunidades religiosas, frustram abertamente o princípio de uma ‘orientação para o bem comum’.

Há uma discussão em curso a nível nacional sobre se a democracia é realmente o modelo político mais adequado para o país mais populoso de África. Deve também ter-se em conta o seguinte: este sistema complicado, que claramente sofre de imensas deficiências, tem mesmo assim ajudado a garantir que a Nigéria, um país com tantas diferenças a nível de pessoas, culturas, línguas e religiões, continue intacta quase sessenta anos depois de ter obtido a independência.

Como a religião tem sido uma fonte de conflito na Nigéria desde há bastante tempo, não há números oficiais de filiação religiosa. Tanto os cristãos como os muçulmanos alegam constituir a maioria no país. O grupo muçulmano dominante é o Islamismo sunita, que se subdivide em vários caminhos sufi, incluindo a *tijaniyyah* e a *qadiriyyah*. Há um número crescente de salafitas (como os dos grupos xiitas e izala), bem como um número reduzido de muçulmanos ahmadi.

O Cristianismo na Nigéria é constituído pela Igreja Católica de Roma, pelas Igrejas Protestante e Pentecostal, pelos Anglicanos, Baptistas, Metodistas, Presbiterianos e pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Há também Testemunhas de Jeová, Judeus e membros da fé Bahá'í.^[4]

O líder religioso dos muçulmanos é o Sultão de Sokoto. A Nigéria é membro da Organização da Conferência Islâmica (OIC). Os principais grupos muçulmanos são o Jama'atu Nasril Islam (JNI) e o Conselho Supremo Nigeriano para os Assuntos Islâmicos (NSCIA). Os Cristãos de todas as denominações estão unidos na Associação Cristã da Nigéria (CAN). O Conselho Inter-Religioso da Nigéria (NIREC), cujos copresidentes são presidentes do NSCIA e do CAN, tenta promover o entendimento inter-religioso perante a violência por motivos religiosos.

Cerca de 25 milhões de pessoas são católicas, a maior comunidade cristã na Nigéria.^[5] Os primeiros contatos com sacerdotes cristãos datam do ano 1470.^[6] O Papa Paulo III fundou a Diocese de São Tomé e Príncipe em 1543. O clero religioso da Sociedade das Missões Africanas (SMA) instalou-se em Lagos em 1860, tal como a Congregação do Espírito Santo, conhecida como Padres do Espírito Santo ou Espiritanos (CSsP), com início em 1885. Em 1960, Lagos tornou-se a sede da Delegação Apostólica da África Centro-Occidental. Após a

Guerra do Biafra de 1967 a 1970, na qual a maior parte dos missionários estrangeiros foram expulsos do país, as relações diplomáticas entre a Nigéria e o Vaticano foram restabelecidas em 1976. Em 1982, o Papa São João Paulo II visitou a Nigéria. Apesar de ser a maior denominação cristã no país como um todo, a Igreja Católica é uma minoria no norte, onde a maior parte das pessoas são muçulmanas.

Há uma proporção elevada de católicos nas áreas do assentamento de Igbo, no sul da Nigéria. Desde a introdução da lei da *sharia* em regiões do norte da Nigéria no ano 2000, o país tem sido testemunha de um aumento substancial de perseguições aos cristãos.

Desde 2009, a violência sectária tem tido origem particularmente no Boko Haram, a nordeste do país. De fato, o terrorismo islamita não está confinado apenas às comunidades cristãs. Até mesmo os muçulmanos moderados estão entre as vítimas: fiéis que não estão dispostos a exercer o ódio islâmico contra os membros de outras religiões. O grupo aliou-se agora ao grupo autodenominado Estado Islâmico, que está aterrorizando o Oriente Médio e que estabeleceu a sua base no norte de África, na Líbia, ao longo de 2015. Pelo menos 17 mil pessoas morreram em atos de violência realizados pelo Boko Haram.^[7]

INCIDENTES

Dado o grande número de ataques frequentemente sangrentos provocados pelo Boko Haram, que em grande medida, embora não de forma exclusiva, visavam comunidades e instituições cristãs, não é possível dar uma visão completa dos atos de violência. O rapto das chamadas ‘meninas de Chibok’ despertou grande compaixão no seio da população nigeriana e a nível internacional. Na noite de 14 de abril de 2014, militantes do Boko Haram atacaram a escola estatal feminina em Chibok, uma cidade a nordeste da Nigéria, e raptaram 276 meninas.^[8]

Em maio de 2016, o Bispo Oliver Dashe Doeme de Maiduguri expressou esperança de que a procura das vítimas do Boko Haram fosse intensificada. Disse: “Precisamos ter consciência que ainda há muitas pessoas nas mãos dos terroristas.” O bispo falava depois de uma das meninas de Chibok ter escapado. Amina Ali Nkek, agora com 19 anos, foi encontrada por um grupo de civis na área da floresta de Sambisa, no estado de Borno, numa área que faz fronteira com os Camarões. Os pais tiveram de identificar a menina traumatizada. A jovem deu à luz enquanto esteve em cativeiro. Segundo relatos da comunicação social, a criança estava com a sua mãe. A jovem recuperada relatou que seis meninas tinham morrido. Ainda permanecem nas mãos dos terroristas 219 meninas.^[9]

[4] Departamento de Estado Norte-Americano 2016: International Religious Freedom Report 2014.

[5] <https://www.missio-hilft.de/de/laender-projekte/afrika/nigeria-1/factsheet.html>

[6] http://bautz.de/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=256&catid=84

[7] Arquivo Munzinger 2016.

[8] <http://www.bbc.com/news/world-africa-35979157>

[9] http://de.radiovaticana.va/news/2016/05/19/nigeria_hoffnung_bei_suche_nach_boko-haram-geiseln/1230916

Em meados de fevereiro de 2016, no estado de Borno, cerca de trinta pessoas foram mortas em dois ataques. Os ataques do Boko Haram foram direcionados para uma mesquita e uma aldeia. Nas proximidades, uns dias antes dos ataques, os islamitas tinham matado seis passageiros a bordo de um pequeno ônibus. Ataques como estes revelam que o Boko Haram está atingindo cada vez mais membros da fé muçulmana. Com isto, os terroristas estão seguindo uma estratégia sem escrúpulos, usando atos de violência como aviso para todas as forças de moderação não demonstrarem solidariedade com as vítimas. Os que agem de outra forma arriscam-se a tornarem-se eles próprios alvos.

É frequente os terroristas exibirem extrema brutalidade. De acordo com testemunhas oculares, crianças foram queimadas vivas num ataque levado a cabo no início de fevereiro de 2016. Pouco depois, um rapaz cometeu um ataque à bomba suicida. De acordo com informação do exército, militantes do Boko Haram com armas de fogo e explosivos realizaram um ataque a uma aldeia no nordeste da Nigéria.^[10]

Neste momento, há 2,5 milhões de pessoas deslocadas na Nigéria. Uma impressão da situação dramática foi apresentada num relatório do Padre Patrick Tor Alumiki, responsável pela comunicação da Diocese de Abuja (Abuja é também a capital nacional da República da Nigéria). Em fevereiro de 2016, o Padre Alumiki explicou que, enquanto os militares atacaram o Boko Haram no estado de Borno no nordeste, o Boko Haram estava se preparando para novos ataques. Disse: “Agora há uma imensa multidão fugindo de Borno. Há milhares de pessoas aqui em volta da cidade de Abuja que procuram um lugar para dormir. A Igreja está tentando tudo o que pode para angariar alimentos para as pessoas, além de roupas e medicamentos. Tentamos fazer o melhor em relação a esta situação, pelo bem das pessoas.”^[11]

Os ataques do Boko Haram tornaram-se menos frequentes. A organização não realizou qualquer outro ataque em grandes cidades, optando em vez disso por pilhar pequenas aldeias onde cometeram vários crimes, incluindo assassinatos. A razão dada para esta mudança é o sucesso da campanha militar contra a organização levada a cabo pelo Governo do presidente Buhari.

Na perspectiva de relatórios como o do Padre Alumiki, é surpreendente que o presidente Buhari tenha declarado em dezembro de 2015 que o Boko Haram estava “tecnicamente” derrotado. Contudo, os horríveis ataques continuam, mas atraem cada vez menos atenção a nível internacional. É quase como se o mundo tivesse se habituado a relatos de terrorismo na Nigéria. O interesse internacional por ataques do Boko Haram para lá da fronteira, no Níger, Chade e Camarões, também está diminuindo. Para dar um exemplo: em fevereiro de 2015, o Boko Haram atacou a cidade de Diffa, no Níger, pela primeira vez, mas foi repellido pelo exército. Atualmente, há

um grande número de refugiados que fugiram da Nigéria e que estão alojados em campos na região de Diffa e Bosso ou vivendo junto da população local nas aldeias. Mais de um ano depois, em maio de 2016, a situação de segurança deteriorou-se significativamente. De acordo com o ACNUR, os casos de ataques suicidas com bombas em instalações de refugiados estão aumentando. Dois grandes mercados foram fechados em abril de 2016 por receio de ataques. Diariamente, há um recolher obrigatório em vigor em Diffa, das 19 horas às 5 horas da manhã.^[12] Karl Steinacker, representante do ACNUR no Níger, disse: “A situação de segurança na região de Diffa mantém-se tensa e imprevisível.” E acrescentou: “Cada vez mais pessoas locais e refugiados estão pedindo para serem transferidos para lugares longe da fronteira, por medo do mesmo tipo de ataques do Boko Haram no Níger, que se tornaram comuns na Nigéria.”^[13]

No entanto, o conflito está se propagando tanto no sul como no norte. O que ainda é visto como um conflito de terras entre agricultores sedentários e pastores nômades é, pelo contrário, violência por motivos religiosos no sudeste da Nigéria. Vinte pessoas morreram em 25 de abril de 2016 em massacres na aldeia de Nimbo. Ao longo de todo o mês seguinte, houve inúmeros ataques a agricultores locais nessa aldeia. Os ataques são atribuídos aos nômades da tribo Fula. Acredita-se que estes nômades estavam se deslocando para o sul devido à seca persistente no norte. Existe a preocupação de que os combatentes Boko Haram possam se juntar a eles, expandindo a sua presença no sul.^[14]

Após os massacres no sudeste da Nigéria, o Cardeal John Olorunfemi Onaiyekan, Arcebispo de Abuja, queixou-se que algumas partes do conflito estavam atizando deliberadamente “as chamas da discórdia e do ódio”. O cardeal disse que estava se tornando cada vez mais difícil pregar a unidade e o amor num tempo em que outros defendem um confronto entre cristãos e muçulmanos. Acrescentou que era responsabilidade do Governo trazer os nômades assassinos, os sequestradores e as gangues armadas perante a justiça.^[15]

Em 3 de maio de 2016, o grupo parlamentar do Partido Popular Europeu realizou uma conferência no Parlamento Europeu sobre o fundamentalismo religioso. A conferência destacou o problema dos ataques levados a cabo por extremistas que se deslocaram para o sul do país, mostrando que os cristãos eram agora mais frequentemente o alvo. Como consequência a longo prazo mais agricultores poderão ser incapazes de cultivar a sua terra, ameaçando resultar em carência de abastecimento, e mesmo fome e migração em massa.^[16]

[12] <http://www.unhcr.org/cgi-bin/texis/vtx/home> (acedido em Abril de 2016).

[13] *Ibidem*.

[14] http://de.radiovaticana.va/news/2016/05/11/nigeria_boko_haram_wandert_gen_s%C3%BCden/1228991; <http://www.vanguardngr.com/2016/05/herdsmen-kill-royal-father-nephew-in-kaduna/>

[15] http://de.radiovaticana.va/news/2016/05/11/nigeria_boko_haram_wan-dert_gen_s%C3%BCden/1228991

[16] Artigo não publicado: “Humanitarian Crises in the Air in Nigeria: Threats from Boko Haram. An Intervention presented at the Conference on Religious radicalisation: The

[10] http://de.radiovaticana.va/news/2016/02/02/nigeria_kirche_als_einzige_hilfe_f%C3%BCr_menschen/1205374

[11] *Ibidem*.

PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

É difícil prever como é que a situação vai se desenvolver para os grupos religiosos na Nigéria. Por um lado, o presidente Buhari parece estar levando a sério o combate contra o que agora se tornou um terrorismo islâmico sem fronteiras. Além disso, não há indicação de que o Boko Haram esteja prestes a desistir. Um fator importante vai ser a forma como a comunidade internacional reage à crise nigeriana. Pelo menos há declarações de intenções. Em Abuja, em meados de maio de 2016, representantes dos EUA, da União Europeia e de países que fazem fronteira com a Nigéria concordaram em reforçar o seu apoio ao combate contra o terrorismo levado a cabo pela Nigéria. O Reino Unido pretende financiar a formação de soldados, entre outras. O presidente francês, Hollande, anunciou que o seu país iria fazer mais para partilhar informações dos serviços secretos com as autoridades nigerianas.^[17]

O analista político Michel Galy disse à Rádio Vaticano que as comunicações do Boko Haram se tornaram cada vez mais internacionais e sofisticadas. Em alguns casos, os ataques militares nos últimos meses conseguiram enfraquecer e afastar as milícias, mas, em termos militares, Galy acredita que a Nigéria não consegue combater o Boko Haram e que o exército nigeriano é fraco demais e frequentemente corrupto. Galy afirmou: “(O exército nigeriano) não está suficientemente equipado para travar uma guerra neste terreno. Tem grande dificuldade em implementar as declarações de intenções do presidente, mesmo que a Nigéria seja um dos países mais ricos da África Subsaariana. O novo presidente, Muhammadu Buhari, não gosta de ouvir os apelos à expansão em massa da ajuda internacional do Ocidente e dos antigos poderes coloniais.”^[18] A França ainda não está ativamente envolvida na luta contra o Boko Haram, apesar de uma grande presença militar na região, com bases militares no Gabão e na República Centro-Africana. Diz-se que as alianças militares africanas se envolvem frequentemente em nacionalismos, referiu Galy, e isto impede a cooperação, sobretudo entre países anglófonos e francófonos.^[19]

Apesar de toda dor e quebra de confiança, em particular a que é vivida por cristãos, mas também por muçulmanos moderados nas últimas décadas, apesar de todas as tentativas de afirmar o domínio muçulmano através da imposição da

sharia, a Nigéria mantém-se no seu cerne como um país onde a coexistência entre pessoas e religiões tem uma tradição longa e positiva. Hoje em dia, também, há apelos repetidos à reconciliação e aos gestos de coabitação pacífica. Por exemplo, muitos líderes religiosos apoiam publicamente a tolerância religiosa e os métodos de resolução de conflitos não confessionais. Para dar um exemplo: em agosto de 2014, realizou-se uma cimeira inter-religiosa para a qual o Cardeal católico John Onaiyekan e o Sultão de Sokoto, Muhammadu Sa’ad Abubakar, emitiram convites conjuntos.^[20] A determinação partilhada de preservar e moldar de forma positiva a coexistência das religiões no estado multiétnico da Nigéria continua firmemente estabelecida na mente de muitos líderes da Igreja e do Estado, apesar de toda a violência, do ódio e de todos os interesses velados que muitas vezes dominam a vida política na Nigéria.

case of Boko Haram and Terrorism in Nigeria organised by EPP Group in the European Parliament, Brussels, 3rd May 2016 in the European Parliament by Rev. Fr. George Odafe, a priest of Kaduna Archdiocese and Doctoral Candidate, Gregorian University, Rome.” [Crise humanitária no ar na Nigéria: Ameaças do Boko Haram. Uma intervenção apresentada na Conferência sobre Radicalização Religiosa: O caso do Boko Haram e do Terrorismo na Nigéria, organizada pelo Grupo PPE no Parlamento Europeu, Bruxelas, 3 de Maio 2016 no Parlamento Europeu, pelo Rev. Pe. George Odafe, um sacerdote da Arquidiocese de Kaduna e candidato a doutoramento na Universidade Gregoriana, Roma.]

[17] http://de.radiovaticana.va/news/2016/05/16/nigeria_%E2%80%9Eef%C3%BCr_einen_selbstmordanschlag_braucht_es_nicht_viel/1230172

[18] *Ibidem*.

[19] *Ibidem*.

[20] Departamento de Estado Norte-Americano 2016: International Religious Freedom Report 2014.